



Sementes do Saber: Tradições Camponesas, Soberania Alimentar e Defesa da Agrobiodiversidade no Vale do Jequitinhonha

Seeds of Knowledge: Peasant Traditions, Food Sovereignty and Defense of Agrobiodiversity in the Jequitinhonha Valley

Clebson Souza de Almeida¹; Shaiene Alves Cordeiro²; Fabiana Eugênio³; Valmir Soares de Macedo⁴

¹Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM – curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEC. Endereço: Rua Eusébio de Queirós, 62, apt. 102, Jardim Imperial, Diamantina/MG. E-mail: clebson.almeida@ufvjm.edu.br; ²Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica – CAV e Instituto Federal do Sul de Minas – campus Inconfidentes, curso de Licenciatura em Educação do Campo em Ciências Agrárias - LECCA. Endereço: Rua São Pedro, 43, campo, Turmalina/MG. E-mail: shaiene.allves@gmail.com; ³Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica – CAV. Endereço: Rua São Pedro, 43, campo, Turmalina/MG. E-mail: fabianaeugenio2014@gmail.com; ⁴ Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica – CAV. Endereço: Rua São Pedro, 43, campo, Turmalina/MG. E-mail: vsmturmalina@gmail.com

Resumo

Este trabalho busca apresentar e refletir sobre a experiência do Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica - CAV, na conservação de sementes crioulas no Vale do Jequitinhonha, região nordeste de Minas Gerais, Brasil, em parceria de agricultores (as) familiares e comunidades tradicionais desta região, que compõem o grupo de famílias guardiãs da agrobiodiversidade. A partir de metodologias participativas de ações e pesquisas, foi realizado um levantamento da agrobiodiversidade local e sistematização de informações sobre as espécies vegetais. Tudo isso foi registrado em um catálogo impresso e digital tornando-se este material didático/pedagógico um dos produtos finais de um processo dinâmico e participativo construído nos últimos 5 anos, cujo objetivo principal é facilitar a identificação, conservação, resgate, multiplicação e trocas destas sementes por parte de camponeses/as da região e os respectivos saberes desenvolvidos no território.

Palavras-chave: famílias guardiãs, diversidade genética, camponês.

Abstract

This work seeks to present and reflect on the experience of the Vicente Nica Alternative Agriculture Center - CAV, in the conservation of creole seeds in the Jequitinhonha Valley, northeast region of Minas Gerais, Brazil, in partnership with family farmers and traditional communities in this region, which



make up the group of guardian families of agrobiodiversity. Based on participatory actions and research methodologies, a survey of local agrobiodiversity and systematization of information on plant species was carried out. All of this was recorded in a printed and digital catalog, making this didactic / pedagogical material one of the final products of a dynamic and participatory process built in the last 5 years, whose main objective is to facilitate the identification, conservation, rescue, multiplication and exchange of these peasants from the region and the respective knowledge developed in the territory.

Keywords: *guardian families, genetic diversity, farmer.*

Introdução

No estabelecimento das relações humanas é impossível pensar a formação das civilizações sem considerar a presença das sementes. Ela está presente na vida humana há mais de 10 mil anos, desde a construção da civilização, a evolução cultural, a história, e até mesmo os mitos (FRANÇA & GARCIA, 2014).

Além de constituírem o insumo primário à produção agrícola, o acesso a variedades de sementes adaptadas às diferentes realidades da agricultura familiar constitui condição fundamental para a garantia dos modos de vida de milhões de famílias agricultoras, que prezam pelo melhoramento natural e pela cultura de guardar e compartilhar livremente os seus materiais de propagação. No entanto, atualmente o processo de erosão genética tem provocado o drástico desaparecimento das sementes crioulas (sementes da paixão, tradicionais, sementes de paiol, sementes da gente) e grandes impactos negativos ao meio ambiente e às populações tradicionais, levando à extinção, em consequência, as mais variadas práticas agrícolas e saberes adaptados às condições climáticas locais.

Apesar da significativa importância das sementes crioulas para as comunidades agrícolas, a crescente substituição de variedades tradicionais por cultivares melhoradas híbridas e/ou transgênicas ao longo dos anos tem contribuído para o estreitamento da base genética das plantas cultivadas. O processo que inclui a extinção ou drástica diminuição da população de variedades locais ou crioulas é denominado de erosão genética, causando aos agricultores familiares dependência permanente destes em relação aos programas governamentais que nem sempre distribuem as sementes em tempo hábil para o plantio que é o período chuvoso (LONDRES, 2014).

Segundo OLIVEIRA (2014), um dos principais fatores responsáveis pela perda da biodiversidade genética presente nas sementes e dos conhecimentos associados à essa diversidade foram causados pela Revolução Verde, onde tem como estratégia a padronização produtiva pelo uso de espécies híbridas. Esta implicou em um grande abandono das variedades adaptadas às condições locais, buscando uma eficiência produtiva questionável, especialmente para a agricultura familiar.

A partir da década de 1960, quando no Brasil foi implementado o referido modelo de desenvolvimento, a agricultura passou por um processo de mudança que provocou a adoção de práticas não sustentáveis e drásticas transformações no campo social, econômico e cultural. No



Vale do Jequitinhonha, a principal mudança ocorreu e ainda ocorre com a ocupação predatória do solo e da água por meio da mineração, da monocultura do eucalipto, da monocultura da braquiária e a pecuária extensiva e pela implantação de hidrelétricas.

O modelo desenvolvimentista proposto trouxe também a utilização massiva de insumos e fertilizantes químicos, assim como uma forte substituição das sementes crioulas por sementes híbridas e transgênicas. Cada vez mais as sementes e mudas utilizadas nas propriedades familiares em todo o mundo são advindas dos grandes fornecedores mundiais, um grupo reduzido de empresas que padronizam sementes, insumos e agrotóxicos. Isto coloca em risco as variedades tradicionais de cultivos manejadas ao longo de décadas pelas populações rurais, comprometendo a segurança e a soberania alimentar, provocando uma dependência do mercado convencional.

As sementes crioulas, segundo a legislação brasileira também chamadas de sementes de variedade local ou tradicional, são aquelas conservadas, selecionadas e manejadas por agricultores familiares, quilombolas, indígenas e outros povos tradicionais e que, ao longo de milênios, vêm sendo permanentemente adaptadas às formas de manejo dessas populações e aos seus locais de cultivo. Ao contrário das cultivares desenvolvidas em centros de melhoramento genético e registradas nos sistemas formais, as sementes de variedades crioulas contêm grande diversidade genética. ALTIERI (2012, p. 173) destaca que as variedades crioulas, originadas de sementes que de geração em geração foram selecionadas para reproduzir características desejadas pelos agricultores, “são geneticamente mais heterogêneas do que as (variedades) modernas e podem oferecer um amplo leque de defesas contra vulnerabilidades”.

De acordo com Barbosa et al. (2015), a conservação de recursos genéticos, como a semente, é atualmente umas das questões de maior relevância para a humanidade. Os ecossistemas enfrentam diferentes mudanças globais passando por fortes pressões antropogênicas e mudanças climáticas, portanto a erosão e perda da diversidade genética é uma realidade devastadora, causando prejuízos irreversíveis para a agrobiodiversidade. Ressalte-se, nesse contexto, o papel dos chamados “guardiões de sementes”, ou “guardiões da biodiversidade”.

Este trabalho busca apresentar e refletir sobre a experiência do Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica - CAV, na conservação de sementes crioulas no Vale do Jequitinhonha, região nordeste de Minas Gerais, Brasil, cuja característica climática é marcada por semiárido, com uma longa temporada seca e um período chuvoso concentrado em poucos meses. Os agricultores (as) familiares e comunidades tradicionais desta região adequaram sua forma de produzir às condições ambientais, elaborando estratégias e técnicas de cultivo, selecionando, melhorando e reproduzindo variedades de sementes que se têm adaptado às diferentes mudanças temporais. As sementes passam de geração em geração, de agricultor/a em agricultor/a; cada variedade é portadora de características locais e contribui para a diversidade do patrimônio genético dos cultivos tradicionais e da biodiversidade local.



Desenvolvimento

O trabalho se desenvolve por meio de uma rede de guardiões/ãs da agrobiodiversidade, que são responsáveis pela conservação, recuperação, reprodução e valorização das sementes crioulas e dos saberes tradicionais gerados por uma base geracional, e o seu principal objetivo é promover a sustentabilidade e a soberania alimentar das famílias camponesas, garantindo uma produção de qualidade, com autonomia e melhores condições de vida no campo.

O Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica (CAV) é uma associação sem fins lucrativos que foi criada em 1994 e tem como objetivo discutir, formular, experimentar, propor e realizar atividades adaptadas às características sociais, econômicas e ambientais do Vale do Jequitinhonha, desenvolvidas com base em uma metodologia que envolve agricultores e agricultoras como sujeitos das ações, considerando-os participantes ativos em todas as etapas, desde o planejamento, execução e avaliação das atividades. Tal proposta se baseia na Pesquisa Participante (BRANDÃO, 1985), que consiste na inserção e interação do pesquisador no grupo/comunidade dos sujeitos pesquisados, de forma que ambos interajam numa participação mútua, considerando a concretude, a totalidade e a dinâmica dos fenômenos sociais que não são definidos à priori, mas construídos historicamente, buscando promover a produção coletiva de conhecimentos como patrimônio dos grupos historicamente invisibilizados.

Tal método possui caráter emancipador e sustentável e visa construir condições favoráveis para que, paulatinamente, os agricultores e as comunidades atualmente atendidos possam traçar seus próprios destinos de forma independente, com a presença cada vez menor da entidade, que então poderá expandir suas atividades até locais ainda não abrangidos. Frente aos problemas e potenciais existentes na região, o CAV e as comunidades camponesas construíram e vêm consolidando propostas que agregam melhoria das condições de vida e das relações em família, preservação dos recursos naturais e convivência com o semiárido.

As iniciativas atualmente desenvolvidas se encadeiam em ações que incluem conservação e uso sustentável dos recursos naturais, essenciais para a manutenção das famílias no meio rural, como solo e água; incentiva a produção de excedentes e a sua comercialização por meio do fomento de canais que se apoiam na solidariedade e que valorizam modelos sustentáveis de produção. O CAV extrapola os limites do município de acordo com o programa que executa, chegando a atuar em municípios do Alto, Médio e Baixo Jequitinhonha, sempre em sintonia com o movimento sindical dos trabalhadores rurais, organizações da sociedade civil e na busca pelo envolvimento do poder público da região.

A mais recente iniciativa do CAV de apoio e incentivo ao resgate e valorização das sementes crioulas, denominado por “SEMENTES DO SABER – Tradições camponesas, soberania alimentar e defesa da biodiversidade no Vale do Jequitinhonha”, tem como principal referência o sistema agrícola tradicional (SAT) das famílias camponesas do Alto Jequitinhonha e se deu em parceria com o Centro de Voluntariado Internacional (CeVI da Itália), a Comune di Mereto di Tomba (Itália) e a Cáritas Brasileira Regional de Minas Gerais.



Esta ação envolve 28 famílias guardiãs que disponibilizam sementes regularmente a outras cerca de 400 famílias distribuídas entre Escola Família Agrícola de Veredinha e 03 associações de agricultores feirantes (Minas Novas, Turmalina e Veredinha). As famílias agricultoras estão distribuídos em 16 comunidades rurais dos respectivos municípios e possuem a grupos étnicos em processos de auto definição identitária, se identificando como “quilombolas” ou “groteiras/chapadeiras”, estando em busca do reconhecimento desta última junto ao governo.

Tratam-se de práticas que são repassadas de geração em geração, conservando histórias de vidas, saberes e técnicas populares. Culturalmente são transmitidas dentro do próprio núcleo familiar, mas, as mudanças no ambiente, na alimentação e nos meios de vida impostas na sociedade nas últimas décadas, tem dificultado a transmissão deste conhecimento tradicional a novas gerações. Visando contribuir neste repasse de aprendizados, o CAV tem oportunizado troca de saberes entre estes “guardiões”, cursos para jovens rurais estudantes ministrados pelos próprios agricultores/as, intercâmbios com produtores/as que deixaram de utilizar sementes tradicionais, entre outros. Além disso, guardiões/as e técnicos/as do CAV realizaram o levantamento e sistematização de informações sobre as espécies vegetais e animais, tanto exóticas, quanto nativas. Levantou-se informações sobre manejo, tempo de cultivo, origem das sementes, principais características, trocas realizadas, perda de espécies ou variedades e o interesse em resgatá-las. Tudo isso foi registrado em um catálogo impresso e digital, distribuído entre os guardiões/as.

A produção de sementes crioulas na região é um método tradicional passado de geração para geração, sendo que até uns 50 anos atrás era o único utilizado na agricultura familiar. No entanto, o modelo de “desenvolvimento” implementado no Brasil nas últimas 5 décadas impulsionou a difusão de sementes geneticamente modificadas que comprometeram a integridade do patrimônio genético, cultural e da agrobiodiversidade. No Vale, muitas variedades se perderam, inclusive até o momento não foi possível sua recuperação. Alguns agricultores/as, preocupados com esta invasão da semente externa e a perda deste patrimônio cultural, começaram a multiplicar a semente tradicional por iniciativa própria, movidos inicialmente apenas pelo desejo de não deixar se perder a variedade cultivada pela família.

Desenvolveram então estratégias de resgate, multiplicação, produção, conservação e troca, se tornando um agente de grande importância para a agrobiodiversidade local. Dentre estas estratégias estão inclusas mudanças no sistema agrícola que permitiram com que estas sementes tradicionais fossem resgatadas por meio de cruzamentos que conservam o patrimônio genético e contribuem para a manutenção de espécies. Além disso, os agricultores/as, através do conhecimento tradicional, passaram a adaptar as variedades de acordo a necessidade climática, de solo, também quanto a finalidade do plantio (artesanato, animais, alimentação etc).

O Vale do Jequitinhonha é reconhecido como uma região de grande riqueza cultural, que está diretamente ligada ao sistema agrícola familiar, base de sustentação deste território. Na área rural os agricultores/as familiares são as lideranças comunitárias que contribuem para manutenção de práticas culturais. A religiosidade e espiritualidade está muito presente, sendo traduzida através de expressões e danças, a exemplo da Folia de Reis, dos nomes dados às



sementes em homenagens aos Santos e nas plantas utilizadas pelas/os benzedeiros/as. Há um grande conhecimento empírico sobre a dinâmica da natureza, como época de chuvas e da agricultura biodinâmica (orientação pelas fases da lua). A medicina alternativa é outra prática tradicional, onde uma enorme diversidade de espécies é utilizada, inclusive de sementes. Cita-se o exemplo da extração de óleo de sementes para produção de azeites, que recebem orações e são utilizados com finalidades curativas.

As práticas de plantios e conservação de sementes também trazem uma carga cultural muito significativa, pois os próprios agricultores/as desenvolveram técnicas que foram passando de geração para geração e graças a elas se pôde conservar grande parte das sementes tradicionais que estão sendo resgatadas na atualidade. Cita-se como exemplo a utilização de elementos naturais para conservação das sementes, como a pimenta do reino, argila, tabatinga, cera de abelha, entre outros. O artesanato é outra prática cultural que se utiliza de elementos da agricultura tradicional, como os confeccionados a partir de sementes e de palhas, sendo uma opção para a geração de renda, principalmente para as mulheres. E por falar em geração de renda, a feira livre é o evento mais simbólico da comercialização de produtos da agricultura familiar, pois ela é o ponto de encontro do campo e da cidade, onde as pessoas realizam suas vendas, mas também estabelecem historicamente relações sociais e de troca.

A base desta iniciativa consiste em resgatar, proteger e disseminar estas sementes e saberes tradicionais. Estes momentos acontecem principalmente entre os agricultores/as nas próprias comunidades, nos intercâmbios com outros produtores/as (principalmente durante eventos), nas casas de sementes e na feira livre semanal. Vale ressaltar que uma estratégia fundamental é a utilização das casas de sementes, já que estas facilitam o acesso, contribuem para uma maior amplitude na disseminação, além de se permitir o controle rigoroso de qualidade. Os “guardiões” visam primeiramente a segurança alimentar da família, sendo comercializado o excedente, que são feitos com preços justos (principalmente nas feiras livres), geralmente abaixo do preço da semente convencional, o que contribui para incentivar a continuidade da produção e geração de renda familiar.

A base alimentar das famílias rurais é oriunda do sistema agrícola tradicional, onde a semente cumpre um papel estruturante na segurança e soberania, contribuindo para a diversidade e a qualidade do alimento, tanto para as famílias produtoras quanto para consumidoras. Além dos agricultores/as terem maior independência do mercado convencional, sementes crioulas são adaptadas ao clima e ao ambiente, sendo mais resistentes ao ataque de insetos e de doenças, reduzindo custos financeiros de produção. O excedente da alimentação (produtos e sementes), é comercializado, que alimenta um fluxo econômico nestes municípios contribuindo para a permanência das famílias no campo.

Os agricultores/as que realizam o resgate e a multiplicação das sementes, compreendem que o melhor lugar para guardar sementes crioulas é o próprio chão. Por isso, realizam a multiplicação dos seus materiais genéticos principalmente por meio dos plantios anuais, tendo o período chuvoso como base do calendário agrícola (plantio em outubro e colheita em meado



de março), sendo que outras culturas que necessitam menos de água são plantadas no período da seca (abril a setembro).

A abertura do período das águas se dá quando vêm as melhores chuvas, duradouras e que garantem a molhação. A partir de então, assim como as formigas saúvas que surgem aos milhares da escuridão da terra, em revoadas sincronizadas para fecundar e reproduzir novos formigueiros, ao sentir o cheiro da terra molhada saem também os camponeses, com suas ferramentas e sementes crioulas que foram selecionadas na colheita passada e guardadas cuidadosamente para uma nova estação. Saem fecundando o chão em cantoria pela terra preparada, plenos de esperança por um tempo de fartura (ALMEIDA, 2018, pág. 58).

Complementar a isso fazem regularmente a seleção e a formação dos estoques familiares com práticas tradicionais para guardar parte do que foi produzido para o plantio do ano seguinte. Os estoques também podem ser comunitários, como as Casas de Sementes, porém estas fazem parte de uma realidade mais atual. Prioriza-se sempre a alimentação da família e com o excedente são realizadas as trocas, doações e vendas.

No cultivo, utilizam-se técnicas advindas principalmente dos Sistemas Agroflorestais (SAFs) como: cobertura morta, consórcio de plantas, plantio em curvas de nível, irrigação por gotejamento, métodos de conservação do solo e da água, entre outras. Assim como afirma Fávero (2013, p.14), os camponeses da região do Alto Jequitinhonha, têm procurado cada vez mais utilizar sistemas que estão:

[...] assentados na utilização de materiais genéticos adaptados, multiplicados, melhorados e conservados pelos próprios agricultores (variedades e raças crioulas); na diversidade de espécies (introduzidas e nativas) e de arranjos produtivos no espaço e no tempo; e em práticas e estratégias baseadas nos saberes tradicionais acumulados e transmitidos pelas sucessivas gerações, constituindo, assim, componentes fundamentais e estruturantes do desenvolvimento de sistemas agroecológicos.

Os produtos são aqueles tradicionalmente cultivados a partir das variedades, sementes e mudas diversas, de feijão, milho, arroz, amendoim, hortaliças, cana, mandioca, frutíferas nativas, plantas medicinais e condimentos diversos da culinária regional. Entre as 28 famílias que fazem parte do grupo de guardiões da região, foram identificadas 132 espécies e variedades agroextrativistas que possuem detalhamento em um catálogo de sementes crioulas do Alto Jequitinhonha.



FIGURA 1: Imagem da capa do catálogo construído juntos às famílias guardiãs.

Fonte: Arquivos do CAV, 2018.

Na agricultura familiar há um envolvimento natural de todos os membros da família no processo produtivo. Cada núcleo familiar desenvolve suas estratégias de produção, gestão e comercialização com divisão de tarefas de acordo a aptidão de cada membro. No caso do grupo das famílias “guardiãs”, há uma predominância de pessoas adultas e idosas, por isso a estratégia de envolver estudantes da Escola Família Agrícola de Veredinha neste processo de multiplicação do conhecimento, favorece o repasse de saberes entre as novas gerações através da vivência prática. Culturalmente as mulheres, além do trabalho na agricultura e comercialização, acumulam tarefas domésticas e encontram muitos desafios para terem o seu trabalho valorizado e reconhecido. Com base nisso, esta iniciativa do CAV de apoio a estes agricultores/as tem buscado valorizar toda a família “guardiã” de sementes. Para os eventos são convidados os casais, idosos e jovens da família. Outro exemplo é a gestão das casas de sementes, que é feita por um comitê gestor composto por técnicos/as de organizações parceiras e por um grupo de agricultores/as, onde se busca a equidade de gênero na composição desse



comitê. Todas estas estratégias têm contribuído para valorizar todos os envolvidos e resgatar a autoestima das famílias.

A maioria destas famílias guardiãs de sementes integram associações comunitárias e ou municipais de feirantes, prática incentivada pelo CAV para fomentar processos organizativos e decisões coletivas. Com a implementação das casas de sementes, que se tornaram empreendimentos centrais de administração das variedades tradicionais preservadas, o grupo acordou que seria necessário a criação de um comitê gestor para facilitar os processos. Este comitê foi eleito democraticamente durante um encontro de guardiões/as com a presença de todos os envolvidos, sendo composto por 06 agricultores/as e 04 técnicos de organizações parceiras (CAV e EFAV), que obedeceu diversos critérios de representação (idade, gênero, municípios/comunidades envolvidas). Este comitê criou um regimento próprio para as casas de sementes que foi aprovado por todos os guardiões/as. Reúne-se periodicamente e de acordo a necessidade, sendo as decisões discutidas com todo o grupo de guardiões/as nos eventos que acontecem no mínimo anualmente.

A maioria destes agricultores/as inicialmente não tinham contato frequente entre si e nem possuíam a real dimensão da importância desta iniciativa para a preservação da agrobiodiversidade regional. Uma proposta foi elaborada de modo participativo, envolvendo diagnósticos, capacitações, construção e estruturação de casas e campos de sementes, encontros, feiras, sistematizações, entre outros, conquistando diversos parceiros para implementação da iniciativa. Formou-se então o chamado “Grupo de Famílias Guardiãs de Sementes” que começaram a trocar experiências e consolidar uma estratégia de difusão que tem alcançado importantes resultados.

Entre janeiro/2018 e abril/2019, através da parceria entre famílias guardiãs e CAV, diversas ações foram realizadas:

1. Identificação e cadastramento das famílias guardiãs, total de 28;
2. Levantamento da agrobiodiversidade: sistematização de informações sobre as espécies vegetais e coleta de amostras das sementes. Também se levantou informações sobre o manejo adotado, o tempo que cultiva, a origem das sementes, as principais características, as trocas realizadas, a perda de espécies ou variedades e o interesse em resgatá-las;
3. Capacitações e encontros locais e regionais entre agricultores/as em temas afins e intercâmbios junto a Universidades e Institutos Federais;
4. Construção e estruturação de 02 casas de sementes (CAV e EFAV), inclusive com aquisição de 01 kit para teste de transgenia, criação de um comitê gestor das casas de sementes, elaboração de um regimento interno, além de evento de inauguração;
5. Implementação de 02 campos experimentais de produção de mudas e sementes;
6. Realização de encontros e feiras regionais de sementes;



7. Elaboração, publicação e divulgação regional de boletins informativos e do Catálogo de Sementes Crioulas do Alto Jequitinhonha (Publicado em março/2019);
8. Lançamento internacional da iniciativa/catálogo, na Itália.

Todo este processo fomenta a mobilização e a organização das famílias guardiãs de sementes crioulas da região do Alto Jequitinhonha, que se articulam em redes estaduais e nacionais, como a Articulação Semiárido (ASA Brasil), que visa fundamentalmente a garantia do direito do acesso à água para uso humano e produtivo; a Articulação Mineira de Agroecologia (AMA) que visa a difusão dos métodos agroecológicos, e tanto quanto a ASA, contribui para a influência nas políticas públicas voltadas à temática; e a Rede de Agrobiodiversidade do Semiárido Mineiro, iniciada entre 2012/2013, fomentando o trabalho de guardiões/ãs, com pesquisa, formação, intercâmbios e sistematização de saberes.

Conclusões

A agricultura familiar camponesa, mesmo com todos os desafios já relatados, é a base de sustentação socioeconômica desta região. Este sistema agrícola contribui para que se mantenham vivos os hábitos alimentares tradicionais, abastece de alimentos os centros urbanos destas pequenas cidades (principalmente através da feira livre), que além de garantir a dieta local, a soberania e segurança alimentar, contribui para aquecer a economia dos municípios. O sistema agrícola tradicional é o que garante a permanência das famílias no campo, fazendo com que estas se tornem protetoras da agrobiodiversidade local, principalmente do bioma Cerrado, preservando toda uma carga histórica e tradicional de plantas, frutos e sementes, além de saberes empíricos de grande riqueza cultural.

A ação aqui apresentada traz importantes lições no que concerne à conservação de sementes crioulas. Além da construção de espaços de armazenamento, as chamadas Casas de Sementes Crioulas, o trabalho promoveu a sistematização e a disseminação do conhecimento tradicional por meio dos intercâmbios, cursos e, sobretudo, da elaboração coletiva de um catálogo regional.

Este material didático/pedagógico é um dos produtos finais de um processo dinâmico e participativo construído ao longo de mais de um ano e demandado pelos próprios beneficiários e tem como objetivo facilitar a identificação e resgate destas sementes por parte de agricultores/as da região e os saberes de seus respectivos guardiões/ãs, com o intuito de conservar e multiplicar as variedades crioulas cultivadas no território. Cada parte deste material tem uma motivação e um sentido, que foi amplamente discutido com o grupo de guardiões/as. Foram os próprios agricultores/as que definiram quais variedades deveriam ser incluídas no material e a forma de descrição. Solicitaram que se utilizasse uma linguagem mais popular do que técnica, que cada variedade tivesse sua foto, dada a variação de nomes de uma mesma variedade nos diferentes municípios/regiões. Após elaborado, o material passou pela aprovação do grupo antes da publicação. Oportunizou-se a participação de toda a família na discussão



(homens e mulheres), lembrando que a maior parte dos casais são adultos e idosos. A juventude teve uma participação importante através da EFA de Veredinha, que contribuiu na catalogação das variedades como processo formativo aos estudantes.

O que fica de mais importante é o aprendizado com o processo da construção coletiva, a efetivação e o reconhecimento de um grupo de famílias guardiãs, porém, o catálogo contribui para a divulgação, resgate e registro da memória das iniciativas tradicionais das boas práticas agrícolas locais. Este, que é fruto de uma construção participativa, já está nas mãos dos guardiões/ãs, dentre outras famílias agricultoras e técnicos da região. Não só tem servido como fonte de pesquisa para esse público, como é mostrado pelas famílias protagonistas como um bem/patrimônio valioso que os tornam sujeitos de conhecimento e formadores. Continua este material sendo disponibilizado nas associações de agricultores/as, comunidades rurais diversas da região, organizações das redes e articulações de que o CAV faz parte, além de ter ganhado repercussão internacional através dos parceiros da iniciativa, na Alemanha, Espanha, Itália e Suíça.

Por fim, concluímos que as sementes crioulas são a base fundamental para a autonomia e convivência/resistência com um ambiente como o semiárido. São instrumentos essenciais para a promoção da sustentabilidade, a erradicação da pobreza e a manutenção das tradições agrícolas e alimentares camponesas. Estas garantem não apenas a guarda da biodiversidade local como também asseguram uma melhor produção, autonomia nos processos de plantio e, conseqüentemente, o aumento de renda e qualidade de vida. Reproduzindo e guardando as sementes, as famílias reduzem significativamente os custos de produção e tem uma maior interdependência nos processos produtivos, ademais que uma autonomia na sua segurança e soberania alimentar.

Agradecimentos

A todas as famílias guardiãs da agrobiodiversidade do Alto Jequitinhonha!

Ao Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica – CAV

Ao Centro de Voluntariado Internacional – CeVI

À Cáritas Brasileira Regional Minas Gerais

À Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

À Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM

Referências

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do 1º Congresso Online Internacional de Sementes Crioulas e Agrobiodiversidade - Dourados, Mato Grosso do Sul- v. 15, nº. 4, 2020.



ALMEIDA, C. S. de. *Território da Água, Território da Vida: Comunidades Tradicionais e a Monocultura do Eucalipto no Alto Jequitinhonha*. Dissertação de Mestrado. PPGER/Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, 2018.

ALTIERI, M. A. *Agroecologia: Bases científicas para uma agricultura sustentável*. / Miguel Altieri. –3 Ed. rev. ampl. – São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular, AS-PTA, 2012. p. 173.

BARBOSA, V. L.; VIDOTTO, R. C.; ARRUDA, T. P. Erosão Genética e Segurança Alimentar. In: SICI–Simpósio Internacional de Ciências *Integradas*, UNAERP – Campus Guarujá, p.03, 2015.

BRANDÃO, C. R. (Org.). *Repensando a pesquisa participante*. 2ª.ed., São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

FÁVERO, C et al. *Formação em agroecologia nos vales do Jequitinhonha e Mucuri, Minas Gerais*. Diamantina, UFVJM, 2013.

FRANÇA, C.; GARCIA, L. *Sementes Livres- Ações pela Soberania da Natureza*. REDD – Revista Espaço de Diálogo e Desconexão, Araraquara, v.8, n.2., p.01, 2014.

LONDRES, F. *As sementes da paixão e as políticas de distribuição de sementes na Paraíba: Sementes Locais: experiências agroecológicas de conservação e uso Rio de Janeiro*. AS-PTA, 2014.

OLIVEIRA, E. L. *Conservação de base comunitária de sementes crioulas: a experiência da Casa de Sementes de Barra do Tamboril, Januária/MG*, 2009, 132 f. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília. Faculdade UNB Planaltina, Programa de Pós Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural. 2014.